

CRISE E ESPERANÇA

A. S. S. FONSECA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
ailtonsiqueira@uol.com.br

Artigo submetido em setembro/2015 e aceito em agosto/2016

DOI: 10.15628/holos.2016.3399

RESUMO

Estar à altura do que exige a realidade é um dos maiores desafios ao pensamento contemporâneo. Marcada por crises e metamorfoses, a realidade do presente mostra que os problemas estão cada vez mais conectados, desafiadores e complexos. Vivemos duas grandes crises que são, ao mesmo tempo, diferentes, complementares e simultâneas: a crise sociocultural e a crise do sujeito. A busca de compreensão desse cenário planetário faz

emergir uma outra crise: a crise do pensamento reductor, disciplinar e fragmentado que não consegue entender exatamente o que acontece. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre essa crise planetária e seus desafios ao pensamento, sobretudo, a necessidade de restituir de significado o princípio esperança como uma via de saída para o futuro da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: crise, esperança, mal-estar, bem-estar, realidade

CRISIS AND HOPE

ABSTRACT

Being at the level of what reality demands is one big challenge today for the contemporary thinking. Marked by crisis and metamorphosis, the reality of the present time shows that problems have become more connected, challenging and complex. We are going through two big crises which are, at the same time, different, complementary and simultaneous: the sociocultural and the subject. The quest for the comprehension of this

planetary scenery rises another crisis: the crisis of the reducing thinking – disciplinary and fragmented that cannot understand precisely what happens. The following article has the objective of reflecting on this planetary crisis and its challenges to thinking, above all, the necessity of rebuilding the meaning of the principle hope as a way to the future of humanity.

KEYWORDS: crisis, hope, malaise, well-being, reality

1 INTRODUÇÃO

“Há certos dias em que acordo com uma esperança demencial, momentos em que sinto que as possibilidades de uma vida mais humana estão ao alcance de nossas mãos. Hoje é um desses dias”.

Ernesto Sabato

Algumas temáticas têm se tornado recorrentes em discursos políticos, sociais, econômicos e cotidianos no cenário mundial: Gestão Social e Políticas Públicas, sobre Liderança em Organizações Sociais, Responsabilidade Social, Inovação e Tecnologia Social, Administração Pública, Direitos Humanos, Economia Solidaria, crise ecológica, aquecimento global, economia mundial, guerras dentre outras.

Estar à altura do que exige essas questões é extremamente difícil. Tem algumas questões que, por mais que estudemos, jamais serão esgotadas ou compreendidas. Penso que essas questões acima têm esse caráter. Não estou à altura de refletir sobre elas. O que vou tentar fazer é falar de uma temática que, para mim, abrange e abraça tudo isso, temática que talvez esteja na base de todas essas questões. Vou falar da crise planetária e do princípio esperança.

Discutimos muito sobre problemas sociais, ecológicos, administrativos, culturais, econômicos, políticos. E isso é fundamental e urgente. Muitas respostas já foram dadas. Muitas saídas já foram apontadas. Mas não discutimos algo que considero tão fundamental quanto o próprio viver-juntos: não discutimos o ser humano e os valores humanos em meio a isso tudo. Penso que enquanto não enfrentarmos isso, estaremos discutindo somente os paliativos, pegando “estradas mortas” como diria o escritor Mia Couto, estradas que não nos levam a lugar nenhum (2012, p.50). Precisamos encarar a verdadeira crise: “a crise da humanidade que não consegue atingir seu estado de humanidade”, como diz Edgar Morin (2013, p.33). Trata-se da questão da relação da humanidade com sua própria humanização.

Para mim, nós vivemos duas grandes crises que são, ao mesmo tempo, diferentes, complementares e simultâneas: a crise sociocultural e a crise do sujeito. Essas duas crises fazem surgir o princípio esperança no futuro.

2 CRISE SOCIOCULTURAL

O mundo que chamamos moderno foi palco de poderes e ideologias totalitárias. Em um século vimos culturas inteiras serem exterminadas, populações serem assassinadas; regimes políticos totalitários exercerem seus poderes; guerras acontecerem; vimos as ciências e as técnicas estenderem prodigiosamente nosso conhecimento do mundo físico e biológico, tecnológico e ecológico. Deram-nos um poder sobre a natureza que ninguém poderia suspeitar. Em menos de um século construímos maravilhas maiores do que as pirâmides do Egito e as catedrais góticas. Em apenas um século descobrimos continentes, ultrapassamos fronteiras, o homem pisou na Lua, nos aproximamos de culturas e civilizações distantes. Mas hoje, como chama atenção Lévi-Strauss, começamos a calcular o preço que foi preciso pagar para termos o que temos e estarmos aqui. Elas puseram meios de destruição maciços à disposição dos homens e, hoje, esses meios ameaçam a sobrevivência de nossa espécie. De modo mais insidioso, porém real, essa sobrevivência também

é ameaçada pela poluição dos bens mais essenciais: o ar, o espaço, a água, a riqueza e a diversidade dos recursos naturais (Lévi-Strauss, 2012, p.10-11).

É importante pensarmos sobre essa realidade planetária que constitui a nosso presente. Este é o grande desafio: compreendermos o mundo presente, porque senão o futuro será um caos de coisas mal resolvidas, estará cheio de velhos problemas. Se não resolvermos as coisas aqui-agora, no presente, a luz que o futuro sinaliza poderá se apagar e viveremos o imediatismo de uma noite sem a esperança da aurora do dia seguinte.

Para pensarmos sobre o nosso presente, trago mais alguns dados de nossa realidade planetária, dados apresentados pelo pensador francês Stéphane Hessel e o pensador Edgar Morin. Presenciamos, hoje, dizem eles:

“os apetites desenfreados do lucro, a degradação das solidariedades concretas, a hiperburocratização dos setores administrativos público e privado, a aceleração e a pressão da competitividade, a forma degenerada da concorrência, a dominação do quantitativo sobre o qualitativo, as intoxicações consumistas que impelem à aquisição de produtos dotados de qualidades ilusórias, a degradação da qualidade dos alimentos por serem provenientes da agricultura e da pecuária industrializada, a impotência dos consumidores, dos pequenos e médios produtores” (2012, p. 19).

Por outro lado, muito tempo atrás Gandhi já tinha a percepção dos perigos que a humanidade estava enfrentando e tinha que enfrentar. Foi por isso que ele chegou a dizer que “Existem em nosso planeta recursos suficientes para atender às necessidades de todos, mas em compensação eles não bastarão se o objetivo for satisfazer o desejo de posse, a avidez, a cobiça, mesmo que seja apenas alguns” (*apud* Viveret, 2013, p. 40). E acrescenta Viveret: “A miséria material de uns está diretamente relacionada à miséria ética, afetiva e espiritual de outros” (2013, p.40).

A finalidade do progresso e do sucesso econômico era criar o bem-estar social, o bem-viver e vimos que essa “finalidade do bem-estar se degradou ao concentrar-se ele exclusivamente no conforto material. O desenvolvimento econômico não trouxe sua contrapartida moral” (Hessel; Morin, 2012, p. 20).

Há algum tempo atrás se discutia a economia como matéria de salvação das sociedades, e vimos muitas sociedades desenvolvidas tecnologicamente discutirem os rumos de sua economia, o que fazer para aumentar sua produção de bens de mercado, como se tornarem mais competitivas e fortalecer a economia. Hoje, percebemos, como Viveret, que os famosos estados de bem-estar eram na realidade estados de muito-ter (2013, p. 40). Hoje não discutimos mais tanto uma economia de salvação. Discutimos a salvação da economia que tem condenado muitos países, muitas vidas a miséria tanto material como existencialmente. É exatamente isso que diz Viveret: estamos presenciando “a passagem da economia da salvação à salvação da economia” (2013, p. 43).

O que presenciamos foi as ambiguidades do processo civilizatório instaurado pela economia de mercado. Ou seja: o progresso econômico não acompanhou o progresso social, moral, ético, humano. Ao contrário, o desenvolvimento técnico/econômico provocou muito subdesenvolvimento humano, sobretudo. Esse foi um dos preços que pagamos.

A devastação ecológica, as crises econômicas, os desregramentos tecnológicos, as descobertas químicas e desenvolvimento da indústria bélica, armamentista, criada com o discurso de se proteger tornou o progresso, técnico e lógico, uma ameaça para a própria a própria vida humana. A humanidade nunca construiu tantas maravilhas, mas, ao mesmo tempo, nunca se sentiu tão ameaçada de desaparecer da história como se sente hoje. Por qualquer descuido, um dedo pode apertar o botão de uma bomba atômica e a civilização desaparecer do mundo.

Se desde os primórdios o homem tentou adaptar o mundo a si mesmo, hoje, nessa modernidade guiada pelo mercado, pela técnica e pela máquina, é o homem que tenta se adaptar ao mundo que ele mesmo criou. Na tentativa de construir um mundo para si, o homem terminou se reconstruindo para o mundo.

O homem tenta participar do mundo se sentindo útil a ele, por isso quer trabalhar cada vez mais, cada vez mais quer possuir, quer ter. E essa busca de *ter* tornou o sentido último do estudar, do viver, do ser. Talvez seja por isso que o homem não reconheça o mundo em que estar como sendo sua casa, porque só tem obrigações, fazeres, cobranças a realizar, concorrências, individualismos. O *slogan* da modernidade ou desse desenvolvimento era e ainda é: “para progredir na ordem do ser, acelere seu crescimento na ordem do ter” (Viveret; 2013, p. 39). O ser se tornou secundário. O ter substitui o ser.

Nessa lógica, nós não somos o que somos. A literatura soube mostrar isso muito bem. Refiro-me especialmente à crônica *Se eu fosse eu* de Clarice Lispector. Essa crônica é emblemática a esse respeito. Diz um fragmento da crônica:

“se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser movida do lugar onde se acomodara. No entanto já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua, porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei. Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia. E se eu fosse eu daria tudo que é meu e confiaria o futuro ao futuro. Se eu fosse eu” parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor aquela que aprendemos a não sentir. Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar. Não, acho que já estou de algum modo adivinhando, porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais” (Lispector, 1999, p.156).

O que essa crônica revela é essa separação que a modernidade fez entre o que eu faço e o que eu falo, entre o que sou e aquilo que nunca serei, porque o que eu sou está longe de viver em harmonia com o que eu faço: uma realidade marcante na vida cotidiano, profissional e subjetiva das pessoas.

Na lógica mercadológica na qual vivemos, nós somos o que temos, o que fazemos, o que conquistamos. Nessa lógica, o homem não se torna aquilo que ele tem que *ser* e sim aquilo que ele tem que *ter*, possuir.

Uma pessoa que vive assim, vai se deparar, mais cedo ou mais tarde, com uma situação de decepção e frustração (Viveret, 2013, p. 39-40), porque ninguém pode enganar seu próprio coração a vida toda, ninguém pode esconder seus desejos para sempre. De um jeito ou de outro, nossa vida paga aquilo que não queremos pagar para viver.

De certa forma, é disso que trata o livro *Antes de Partir*, da escritora Bronnie Ware (2012), livro que reúne relatos de 17 pacientes terminais em suas últimas semanas de vida. Entre os lamentos ou arrependimentos mais comuns, estão: "Desejaria ter tido coragem de viver uma vida verdadeira para mim mesma, não a que os outros esperavam de mim"; "desejaria não ter trabalhado tanto"; "Desejaria ter tido coragem de expressar meus sentimentos"; "Desejaria ter ficado mais em contato com meus amigos"; "Desejaria ter-me permitido ser mais feliz".

Lendo esses depoimentos a sensação que fica é que a vida não nos engana; somos nós que nos enganamos com ela. A vida não perdoa. Não dá uma segunda chance de viver, porque só vivemos uma vez. E a nossa vida mais íntima, mais profunda, não pede um *ter*, pede um *ser*. O que tenho não faz parte de mim. O que sou me faz inteiro. É essa cultura do ser que se define pelo ter, essa cultura do "bem-estar que também acarreta o mal-estar" (Naïr; Morin, 1997, p.16).

São realidades como essas que me levam a dizer que vivemos uma crise de mal-estar proporcionada pelo bem-estar: é o mal-estar do bem estar. O mal-viver do bem-viver. Como recomenda o filósofo Patrick Viveret, "é fundamental uma forma de gestão desse mal-estar e desse mal-viver" (2013, p. 37).

Penso que realidade como essas exigem que a gente repense a nossa relação com a natureza, com as tecnologias, com os outros, com os sentidos, com a vida e com nós mesmos, porque os problemas parecem cada vez mais complexos, mais sistêmicos e interdependentes. Portanto, não podemos mais considerar ou estudar ou percebermos as coisas separadamente, porque essa visão de separabilidade distanciou a conquista material das necessidades espirituais, distanciou razão e coração, objetividade e subjetividade; colocou de um lado prioritário as demandas do mercado e, de outro lado, menos prioritário, as demandas da vida. Não percebeu que tudo estar ligado a tudo: as coisas se precisam, diriam Clarice Lispector.

É nessa concepção que devemos entender que nossas casinhas terrestres dependem diretamente do futuro da grande casa planetária. E que nossas casinhas estarão ameaçadas se a grande casa correr perigo (Viveret, 2013, p. 51). Como disse Viveret, "A questão da salvação volta a se apresentar para a humanidade, porque a humanidade pode desaparecer prematuramente na história" (2013, p. 44).

É disso que passarei a falar agora: da segunda crise: crise do sujeito e, conseqüentemente, de relacionamento entre as pessoas.

3 CRISE DO SUJEITO

É evidente que o desenvolvimento tecnológico e informacional levou as pessoas a estarem cada vez mais perto umas das outras, aproximou territórios, estreitou fronteiras geográficas e

culturais. Todo mundo fala com todo mundo, mas, paradoxalmente, ninguém parece entender à fundo ninguém. O escritor moçambicano, Mia Couto, nos chama a atenção para um dos grandes paradoxos da modernidade: “Nunca o nosso mundo teve ao seu dispor tanta comunicação. E nunca foi tão dramática a nossa solidão. Nunca houve tanta estrada. E nunca nos visitamos tão pouco” (2011, p. 14). Fomos separados por aquilo que deveria nos unir: a comunicação, o diálogo, o entendimento.

Com isso, vemos que

“Tragicamente o homem está perdendo o diálogo com os demais e o reconhecimento do mundo que o rodeia, quando é nele que se dá o encontro, a possibilidade do amor, os gestos supremos da vida. As palavras à mesa, inclusive as discussões ou brigas, parecem substituídas pela visão hipnótica (da televisão)” (Sabato, 2008, p. 14).

Penso que estamos vivendo, hoje, numa verdadeira Torre de Babel. Diferentemente da Babel bíblica por meio da qual se pretendia chegar às alturas e obter o conhecimento e esclarecimento das coisas, a Babel moderna não é verticalizada e sim horizontalizada; foi criada para se expandir e chegar a todos os cantos e recantos do mundo por meio da comunicação midiática e virtual.

Vivemos hoje o mesmo desentendimento que levou a ruína da Babel verticalizada. Isso tem gerado medos por todas as partes e de todas as espécies: medo de viver e de morrer, medo de envelhecer e de ser cuidado pelos outros, medo da solidão e da dependência, medo de amar e não ser amado, medo de dar e não receber, medo de receber e não ter o que dar, medo de ser e medo de não ser. O medo é tão presente que talvez, como lembra Mia Couto, exista nesse mundo, mais medo de coisas más do que coisas más propriamente ditas¹. Essa Babel moderna também vem gerando violência generalizada, solidão, insegurança, conflitos, disputas, confusão subjetiva, crises de identidades e identidades retraídas. O individualismo aumenta, as amizades sinceras tornam-se raras. Parece crescer o número de pessoas que tentam se refugiar de um mundo sem coração.

O futuro prometido pelo ideário do progresso técnico, lógico e material parece que não se realizou. “Os progressos felizes do individualismo trouxeram as regressões infelizes das solidariedades” (Hessel; Morin, 2012, p. 20), dos amores, dos valores, das crenças. Poderia dizer como Comte-Spoville que vivemos hoje um “alegre desespero” (2002). Queremos desesperadamente a felicidade, buscamos tudo que nos faça esquecer a dor, o sofrimento, a solidão. Queremos tanto evitar isso que buscamos viver alegremente o tempo todo e caímos nesse “alegre desespero” que é essa alegria que tanto buscamos para esquecermos das tristezas, inclusive daquelas que temos medo que possam surgir. A gente esquece que quando não vivemos as tristezas não aprendemos amadurecer para vivermos as grandes alegrias que encontramos nas pequenas coisas. E assim vivemos nesse mundo de contentamento descontente, vazio, raso, fugaz.

Parece que chegamos aquele tempo que tanto preocupou o poeta Carlos Drummond de Andrade, o tempo em que os nossos ombros suportam o peso do mundo e da vida sem encanto e sem mistificação. Diz o poeta em seu poema *Os ombros suportam o mundo*:

¹ “Murar o medo”, pronunciamento do escritor Mia Couto na Conferência de Estoril 2011. Disponível em: <<http://www.papodehomem.com.br/mia-couto-ha-quem-tenha-medo-que-o-medo-acabe/>> Acesso em 28 de julho de 2015.

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que ao se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.
(...)
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação. (Andrade, 2011, p. 182).

É nesse mundo sem mistificação que a vida se torna um peso sobre nossos ombros. Porque a gente só espera da vida e nunca se pergunta o que a vida espera de nós.

A lógica das máquinas está tomando conta da lógica do nosso ser, do nosso coração. A gente não procura mais sentir, sonhar, imaginar, amar. Às vezes, o que chamamos de amor é apenas a nossa vaidade alimentada pelo outro.

As pessoas desenvolvem o pensar, mas não se pensam, desenvolvem a crítica, mas não a autocrítica. Lembro-me de uma anedota popular que diz o seguinte: um casal estava na sala falando das coisas da vida, falando sobre as pessoas que viviam presas à máquinas para sobreviver, quando o marido disse a sua esposa:

“Nunca me deixe viver em estado vegetativo, dependendo de uma máquina e de líquidos. Se eu ficar assim, por favor, desliga tudo o que me mantém vivo!”. A esposa então se levantou, desligou a televisão e jogou a cerveja do marido fora. (*apud* Andrés, 2011, p.147).

As pessoas não olham para si mesmas, porque não olham mais pra ninguém e vice-versa. Ninguém olha mais olho no olho, ninguém escuta ninguém, ninguém dialoga mais com ninguém, às vezes as pessoas só se falam.

Nesse mundo regido por máquinas, técnicas, racionalidades e tecnologias inteligentes, não é difícil identificamos pessoas que percebem o defeito de uma máquina, mas que são incapazes de sentir o pulsar de um coração emocionado, pessoas que entendem tudo de tecnologia, de informática, mas que são incapazes de perceber que por trás de um sorriso pode haver um coração cheio de lágrimas.

Sinto que nos falta uma educação para a sensibilidade, para a humanização do próprio homem que estar cada vez mais consumido por tudo aquilo que ele mesmo consome.

Mesmo que todo o conhecimento tenha avançado, parece que o homem ainda não conhece a si mesmo. Os olhos da ciência, da técnica e da razão não conseguem olhar para o homem que tudo olha. Olhos que não se olham. O homem parece cego para si próprio. Um estranho a ele mesmo. Há um conto indígena que expressa bem isso. Diz o conto:

“Os índios Sioux contam que, certo dia, o Criador reuniu todos os animais da criação e disse:

- Quero esconder algo muito importante dos seres humanos, que só lhes será revelado no dia em que estiverem prontos para isso. Trata-se da compreensão de que são eles mesmos que criam a sua própria realidade.

A águia logo falou:

- Dê para mim, que vou levar este segredo para a lua.

- Não, disse o Criador, “um dia eles irão até lá e o acharão.

O Salmão, então, sugeriu:

- Vou enterrá-lo nas profundezas do oceano.

- Não, eles também irão até lá.

Foi a vez do búfalo:

- Oh, Senhor, me dê, que vou enterrá-lo no fundo mais fundo das Grandes Planícies.

- Não adianta, eles rasgarão a pele da Terra e, mesmo lá, o encontrarão.

Foi quando a venerável toupeira, que, por viver no sei da Mãe Terra, não vê com olhos físicos, mas espirituais, disse:

- Coloque esta verdade dentro do próprio ser humano.

E o Criador respondeu:

- Está feito” (*apud* Andrés, 2011, p.145).

Com outras palavras, esse conto diz aquilo que Morin vem afirmando: “O conhecimento da humanidade não corresponde a um conhecimento de humanidade”.

Pelo visto, é mais fácil chegarmos a Lua do que conhecermos os sentimentos de um coração. Os ganhadores do prêmio Nobel de Física desse ano (2013), o belga François Englert e o britânico Peter Higgs ganharam o prêmio porque descobriram a famosa “partícula de Deus”. Ao receber o prêmio um deles declarou: “eu descobri a partícula de Deus e não entendo o que estou sentindo agora”.

Vejam o paradoxo ou limites humanos: esse cientista construiu uma teoria que vai mudar a história da ciência e, possivelmente, da humanidade, mas não conseguiu entender a si mesmo.

Penso que aquele o conto indígena não é somente um conto e sim uma leitura profunda da condição humana. Realmente, homem foi até a lua, foi às profundezas mais profundas dos oceanos; o homem rasgou, escavou, se aprofundou na terra, descobriu muitos tesouros e, mais recentemente, o pré-sal; habitou o planeta inteiro; descobriu até a partícula de Deus, mas não sabe quase nada de si mesmo, não se entende, não entende o que sente e, dificilmente, entenderá os outros.

Isso mostra que o homem não conhece aquilo que faz ele mesmo viver. Parece que é isso que vem acontecendo com os homens modernos: a busca pela efetividade profissional faz o homem esquecer a afetividade da vida. Como nos alerta Viveret, a questão da inteligência só pode ser colocada se a ligarmos à do amor. É toda a questão da inteligência emocional coletiva, a questão da inteligência do coração. Se não tratarmos essa questão da relação entre razão e coração, das razões do coração; a inteligência puramente mental, a famosa ciência sem consciência, não vai passar de ‘ruínas da alma’ (2013, p. 55-6).

Falta a gente a sabedoria daquele provérbio chinês que diz: *A mente tem o passo ligeiro, mas o coração vai mais longe.*

Considerando o que foi exposto é possível dizer que meu coração me leva a todos os lugares, me mantém vivo, mas parece que vivo distante dele.

Antigamente nós fazíamos a pergunta: o que você espera do mundo? Os novos tempos inverteram essa pergunta e agora nos questiona: o que o mundo espera de você?

Colocou o ser humano no centro de suas interrogações, de sua reflexão. O homem agora não busca somente responder as perguntas na boca da Esfinge. O homem se tornou esfingético: tornou-se uma questão para suas perguntas. Mais precisamente: tornou-se pergunta e resposta para si mesmo.

Vimos que as soluções para os problemas se transformaram também em muitos outros problemas. Vimos que o bem-estar se transformou em mal-estar, o bem-viver em mal-viver.

São questões como essas, socioculturais e pessoais, subjetivas que Edgar Morin propõe a reforma da vida, algo que começa com a humanização do próprio homem. Penso que o ser humano é o bem maior de todos os tempos. Como disse Raimon Panikkar: “Se perdermos a medida humana (...) perdemos a humanidade e falamos apenas de coisas abstratas” (2010, p.313), gerais demais.

São muitos os autores e exemplos a mostrarem que os riscos permanentes que ameaçam o nosso desaparecimento não são exteriores a nós, mas interiores. “A questão do desumano nos é interior” (Viveret, 2013, p. 58).

Parece quase unânime entre um grande número de pensadores a seguinte concepção: para mudar o mundo o homem tem que mudar seu mundo interior. Caso contrário, ele só irá ver no mundo os fantasmas que ele não conseguiu espantar de sua própria vida. O mundo será a projeção de seus problemas consigo mesmo, algo que uma fábula indiana soube expressa muito bem. Como narra a fábula indiana *Dizem com quem andas*:

“Ia um viajante por uma estrada, quando chegou a uma pequena cidade desconhecida.

À entrada da cidade estava sentado um velho, meditando. O viajante o abordou, dizendo:

- Estou vindo de muito longe, procurando um novo lugar para morar. O senhor, que parece ter tanta experiência, diga-me: como são os habitantes desta cidade?

- Responda-me primeiro uma coisa, meu filho: como eram os habitantes da sua cidade?

- Bem, não eram pessoas agradáveis – queixou-se o forasteiro. – Eram invejosas, mesquinhas e estúpidas.

- Sinto muito – tornou o velho -, mas infelizmente aqui você só encontrará pessoas iguais às que você descreveu: invejosas, mesquinhas e estúpidas.

O viajante, decepcionado, ajeitou a mochila às costas e foi embora.

Dali a pouco chegou um outro viajante, que fez ao velho a mesma pergunta. Este tornou a indagar:

- E como eram as pessoas de sua cidade?

- Ah, eram pessoas muito amáveis – explicou o homem -, em geral bondosas, generosas e educadas.

- Então, seja bem-vindo! – respondeu o velho filósofo, abrindo um sorriso. – Pois saiba que as pessoas aqui são exatamente assim: bondosas, generosas e educadas” (Pamplona; Magalhães, 2005, p. 08-11).

Estamos procurando um mundo melhor, sem sermos melhores. Estamos procurando um mundo que nos salve, sem percebermos que somos nós que temos que salvar o mundo. Queremos um futuro, mas não sabemos qual é o futuro que queremos. Olhamos para o mundo, mas não nos vemos nele. Valorizamos as diferenças, mas nos tornamos indiferentes a todas as diferenças. Queremos muitas coisas, mas não doamos, não damos nada.

4 PRINCÍPIO ESPERANÇA

Tudo isso que venho falando não é tão descabido como se pode imaginar. Na verdade, como disse o filósofo Raimon Panikkar,

“Se olharmos para a trajetória das sociedades humanas percebemos que a história do mundo não é somente o curso das ideias. A história das sociedades mostra, antes de tudo, o homem em busca de si mesmo, de construir no mundo, um futuro para si” (2010, p. 305).

Como naquela fábula, queremos ir para os melhores lugares, termos as melhores coisas, construirmos um futuro melhor, mas não temos nos tornado pessoas melhores.

Pensamos em construir o futuro, mas o desafio é reconstruir o presente sem o qual ele não existe. O futuro é um presente que ainda não se realizou. Mas precisamos, sobretudo, reconstruir o homem sem o qual não há presente nem futuro. Nesse aspecto, o poeta Octavio Paz tem razão ao dizer que o “presente quer dizer também o que está presente, aquilo que está totalmente presente, o que é? A presença, a presença dos outros frente a mim; descobrir um novo tipo de fraternidade, também de erotismo, fundado não na eternidade, senão no amor” (Paz, 1999, p. 233).

Paz chama a atenção para a presença do ser a partir do qual será possível reconstruirmos o universo ao nosso redor e, assim, o futuro acontecer, um futuro ajustado ao ser. Mas o poeta também chama a atenção para outra dimensão essencial: o amor enquanto fonte de vida nova e fonte da esperança naquilo que tem que acontecer. Como dizia um certo provérbio: “Todas as flores do futuro estão nas sementes de hoje”.

O nascimento desse novo homem irá culminar com o fim desse mundo. Esse mundo que conhecemos hoje foi se tornando insustentável, e as crises o revelam (crises econômicas, políticas, ecológicas; crises de relacionamentos, de entendimentos, afetivas etc). Crise não é sinônimo de destruição e sim de transformação. O fim de uma coisa pode ser o início de outra. Como lembra Viveret, “O fato de um mundo chegar ao fim não significa o fim do mundo” (Viveret, 2013, p. 54).

Esse momento de crises e metamorfoses podem ser vistas somente como problemas, mas cada problema pode também ser visto também como uma solução que ainda não aconteceu. Em outras palavras, os problemas podem ser vistos como abismos, mas podem ser encarados como o desafio de construirmos pontes e os ultrapassarmos. Essas são as duas faces dos problemas, a dupla face da realidade: crise e oportunidade. Como disse o poeta alemão Hölderlin, “Lá onde cresce o perigo, cresce também aquilo que salva” (*apud* Morin; 2013, p. 37). Ou, empregando as palavras do escritor Mia Couto, poderíamos dizer que “aquilo que é geralmente tido como problemático pode ser, afinal, uma potencialidade para o futuro” (2011, p. 23).

Quem pensa em construir o futuro deve ser movido pelo coração, pelo amor e pelo que Ernest Bloch chama de *O princípio esperança* (2005), essa mola-mestra, essa força que move todo o processo histórico. É um princípio que só sobrevive porque vive ao lado de outros princípios como, por exemplo, o comprometimento, a responsabilidade (algo tão caro hoje, porque ninguém quer se sentir responsável por nada), pelo sonho, o desejo e o amor.

Sabemos que o futuro não é certo e nem é dado. O futuro é incerto e construído. Devemos ter a sabedoria de fazermos das incertezas um meio de não nos desanimarmos e sim, uma via de construirmos o amanhã consciente dos problemas que já foram superados e dos novos desafios a serem vividos.

A esperança é a única coisa que nos faz resistir à crueldade do mundo e dos homens. Paulo Freire sabia disso e defendeu a princípio esperança como algo que deveria ser ensinado para que as mudanças acontecessem. Para ele, a esperança faz parte da natureza humana (1996, p. 80). A esperança é uma espécie de ímpeto possível e necessário à vida e ao mundo, é um condicionamento indispensável à experiência (p.80).

Para construir esse princípio esperança, a desesperança deve ser vencida, porque vivemos hoje também uma crise da esperança. O desânimo, a descrença, a falta de responsabilidade, a falta de encantamento e de paixão: todos esses elementos formam a desesperança que tomou conta da vida moderna. É por isso que ninguém se sente responsável por nada, ninguém quer responder por nada, ninguém quer se comprometer com nada, porque não acredita em nada.

Isso é grave, porque sem crença não há esperança, sem esperança não há sonhos e sem sonhos o ser humano se torna, mais e mais, desumano. Então, essa força de “um futuro que move o presente” (Betto, 2012, p. 25), essa força que chamamos de esperança deve enfrentar a desesperança que se tornou presente. E para enfrentar a desesperança, o homem precisa voltar-se para si mesmo para buscar, em si, as forças que o farão suportar a sua caminhada.

Penso ser essa razão que levou Freire a afirmar: a luta por um futuro prescinde da esperança (1996, p.82). E acrescentou: “Não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho”. “Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoliuída” (Freire, 1992, p. 10).

Sei que a desesperança é grande e que as pessoas estão desencantadas, mas eu aposto e alimento a esperança nas pessoas, naquelas pessoas que são capazes de resistir à aridez do sistema, assim como aquela flor no asfalto da qual fala Carlos Drummond de Andrade em seu poema “A flor e a náusea”:

“Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
Ilude a policia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
Garanto que uma flor nasceu.
Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” (Andrade, 2011, p. 36-7).

Essa flor que furou o asfalto, rompeu o tédio, superou o nojo e venceu o ódio vem dizer, por meio de sua *força de ser*, que o impossível pode se tornar possível. Ela é a possibilidade que nasceu num lugar aparentemente impossível. É uma resposta a desilusão: nasceu como a esperança que engendrará uma nova mentalidade.

Penso como Ernesto Sabato que “Se a mentalidade do homem mudar, o perigo que vivemos será paradoxalmente uma esperança” (2008, p. 25). E acrescenta: O homem é o único animal que só sobrevive graças a esperança (Sabato, 2008, p. 27), ao sonho, ao amor.

Por fim, sem querer fazer das minhas palavras aquelas que encerram um discurso, deixo a vocês as palavras poéticas e esperançosas de Jacqueline Kelen que dizem “O ser humano começa quando se entrega ao exercício do sonho, do desejo e da esperança, quando se consagra à beleza e se oferece como montaria ao amor” (2000, p.195-6).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ANDRÉS, Arthur. Pelas veredas de si. In: HENRIQUE JUNIOR, Lauro. **Palavras de poder: entrevistas com grandes nomes da espiritualidade e do autoconhecimento no Brasil e no mundo**. São Paulo: Leya, 2011, p. 146-158. FREIRE, Paulo.
2. ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
3. BLOCH, Ernest. **O princípio esperança**. Tradução: Nélío Schneide. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 (vol. I).
4. BETTO, Frei; CORTELLA, Mario Sergio. **Sobre a esperança: Diálogo**. São Paulo: Papirus 7 Mares, 2012.
5. COMTE-SPOVILLE, André. **O alegre desespero**. Tradução: Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: UNESP, UEPA, 2002.
6. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
7. _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à uma prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
8. COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? (ensaio)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
9. _____. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
10. HESSEL, Stéphane; MORIN, Edgar. **O caminho da esperança**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
11. LÉVI-STRAUSS, Claude. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
12. LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
13. MORIN, Edgar. **A via: para o futuro da humanidade**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

14. _____; NAÏR, Samir. **Uma política de civilização**. Tradução: Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
15. KELEN, Jacqueline. Prometeu libertado pelo amor. In: RANDON, Michel. **O pensamento transdisciplinar e o real**. Tradução: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRION, 2000, p. 187-196.
16. WARE, Bronnie. **Antes de partir**: uma vida transformada pelo convívio com pessoas diante da morte. Tradução: Chico Lopes. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
17. PAMPLONA, Rosane; MAGALHÃES, Sônia. **O homem que contava histórias**. São Paulo: Brinque-Book, 2005.
18. PANIKKAR, Raimon. Os maiores são mais humildes. In: BARLOEWEN, Constantin Von. **Livro dos saberes**: diálogos com os grandes intelectuais de nosso tempo. Tradução: Will Moritz. São Paulo: Novo Século Editora, 2010, p. 303-320.
19. PAZ, Octavio. O encontro da poesia com a política: mesa-redonda com Octavio Paz. In: MACIEL, Maria Esther (org.). **A palavra inquieta**: homenagem a Octavio Paz. Belo Horizonte: Autêntica: Memorial da América Latina, 1999, p. 215-240.
20. SABATO, Ernesto. **A resistência**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
21. VIVERET, Patrick. O que faremos com a nossa vida?. In: MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo de crise**. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 29-76.